



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JÚLIA LEYNE ANDRADE DE SOUSA**

**A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA  
UEPB SOBRE A DISCIPLINA LIBRAS: A FORMAÇÃO INICIAL EM  
FOCO**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2017**

**JÚLIA LEYNE ANDRADE DE SOUSA**

**A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEPB SOBRE A  
DISCIPLINA LIBRAS: A FORMAÇÃO INICIAL EM FOCO**

O artigo apresentado para obtenção de graduação em Pedagogia na Universidade do Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Esp. Diele Marinho Oliveira Ramalho de Souza.

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725p Sousa, Julia Leyne Andrade de.  
A percepção de discentes do curso de pedagogia da UEPB sobre a disciplina libras: a formação inicial em foco [manuscrito] / Julia Leyne Andrade de Sousa. - 2017.  
38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Esp. Diele Marinho Oliveira Ramalho de Souza, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Libras. 2. Educação Inclusiva. 3. Formação de pedagogos.

21. ed. CDD 371.12

JÚLIA LEYNE ANDRADE DE SOUSA

A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEPB SOBRE  
A DISCIPLINA LIBRAS: A FORMAÇÃO INICIAL EM FOCO

O artigo apresentado para obtenção da graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Esp. Diele Marinho Oliveira Ramalho de Souza.

Área de concentração: Ed. Inclusiva.

Aprovada em: 16/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Esp. Diele Marinho Oliveira Ramalho de Souza (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Eduardo Onofre  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Shirley Barbosa das Neves Porto  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A minha mãe e ao meu pai,  
pela dedicação e amizade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente a Deus, pois sem ele nada poderia ser possível, nem mesmo dar o primeiro passo rumo a esta vitória.

Ao meu pai Zaqueu Rodrigues e à minha irmã Leany Andrade pelo exemplo de vida, pelo apoio nos dias mais difíceis e pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Agradeço também a minha mãe Maria Andrade, pelo apoio, incentivo constante, e orações, sempre compreendendo-me nos momentos de ‘estresse’, ansiedade e nervosismo, que tive durante estes anos, e mais especialmente nestes últimos semestres.

Ao professor Diele Marinho Oliveira Ramalho de Souza pela orientação para a realização deste trabalho, pela colaboração e dedicação do seu tempo e conhecimento.

Aos meus demais professores da Universidade Estadual da Paraíba, pelo aprendizado durante estes anos. Em especial o Professor Dr. Eduardo Onofre e à Professora Dra. Shirley Barbosa, por terem aceitado o convite de serem meus examinadores.

Aos meus amigos da Universidade, Amanda Maciel, Edilene Marinho, Dayane Rocha, Janeleide, Josoaldo Gomes, Michelly Arruda e Webe Firmino, que estiveram juntos a mim durante essa caminhada, nas dificuldades e vitórias e por todo o aprendizado que tive com eles. E também ao meu amigo surdo Júlio César por todo o apoio e incentivo.

Obrigada a todos por tudo.

“É impossível para aqueles que não conhecem a língua de sinais perceberem sua importância para os surdos: a influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição, a sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que, de outra forma, ficariam em perpétua escuridão. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso dos sinais.” J. Schuyler Long

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>8</b>
1.1. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E A SURDEZ .....	8
1.2. FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....	11
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>16</b>
3.1 As concepções dos discentes de pedagogia sobre a surdez.....	17
3.2 A compreensão sobre o que é Libras .....	20
3.3 A visão sobre a disciplina de Libras e a carga horária.....	21
3.4 A experiência em ter um professor surdo ministrando a aula de Libras....	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>32</b>

## A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEPB SOBRE A DISCIPLINA LIBRAS: A FORMAÇÃO INICIAL EM FOCO

Júlia Leyne Andrade de Sousa\*

### RESUMO

O presente artigo aborda a necessidade da formação de pedagogos na perspectiva da inclusão escolar ao atuarem com alunos surdos. Com esta finalidade, foi sancionado, em 2005, o Decreto 5.626 que torna obrigatória a disciplina de Libras nos currículos dos cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia nas universidades brasileiras. É essencial que os professores dos anos iniciais compreendam quem é a pessoa surda, saibam se comunicar com a mesma e ensiná-la para o seu pleno desenvolvimento e, assim, contribuam para a sua inclusão. Com estas preocupações, temos como objetivo analisar, a partir da perspectiva do discente de Pedagogia, a contribuição da disciplina obrigatória de Libras para sua formação na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande-PB. As bases teóricas foram acerca das características da surdez, Libras e da formação do pedagogo numa visão inclusiva. Estudamos autores tais como Rebouças (2009), Garcia (2015), Freire (1991), Quadros (1997), Gesser (2009) e outros. Também o estudo sobre a Lei 10.436 e o Decreto 5.626. A pesquisa é de natureza qualitativa, nos moldes do estudo de caso. Como instrumento para a coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada com seis discentes graduandos em Pedagogia e matriculados na disciplina de Libras na Instituição cenário da pesquisa. Os resultados obtidos por meio da análise das entrevistas indicaram a percepção que elas adquiriram durante a disciplina.

**Palavras chave: Libras; Educação inclusiva; Formação de pedagogos.**

### INTRODUÇÃO

No decorrer de algumas décadas até os dias vigentes, ocorreram várias mudanças significativas, tanto sociais, políticas e ideológicas, que influenciaram na educação de pessoas surdas. Deveras, não existia esta educação, pois eram pessoas desprezadas pela sociedade. Em tempos antigos, por serem julgados deficientes, eles eram mortos, afogados nos rios, desprovidos de razão, incapazes de obter uma língua e uma educação e em todo aquele momento, excluídos (PEREIRA, 2011). Essas ideologias estão sendo desconstruídas socialmente, colocando as pessoas surdas no âmbito de igualdade que sempre foi seu.

Com as legislações e políticas que determinaram a garantia e a permanência de todos os alunos em salas de aulas, e para que os alunos surdos tenham o desenvolvimento educacional,

---

\* Aluna de Graduação em Pedagogia plena na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: julialeynes@hotmail.com

foram então inseridos nas escolas regulares. As escolas inclusivas para serem nomeadas de fato desta forma precisam atender às necessidades dos alunos, e assim promover a equidade. É necessário compreender o aluno surdo em seus vários aspectos: a sua história, sua cultura, sua identidade e sua língua materna.

Assim, foi essencial o repensar da formação de professores para que estes sejam capacitados para esta atuação. Em 2005 foi sancionado o Decreto 5.626 que regulamenta a Lei 10.436, com o objetivo da capacitação dos futuros profissionais que lidarão com a pessoa surda, seja em sala de aula, ou em outros espaços sociais. Com o Decreto tornou-se obrigatório que as universidades brasileiras tenham nos currículos dos cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia a disciplina de Libras para a formação inicial. Nesse sentido, o presente trabalho tem como intuito analisar, a partir da perspectiva do discente de Pedagogia, a contribuição da disciplina obrigatória de Libras para sua formação na Universidade Estadual da Paraíba, Campus Campina Grande-PB. E como objetivos específicos: descrever os conceitos dos discentes entrevistados sobre Libras e a surdez numa visão antropológica; refletir sobre a formação do pedagogo para a inclusão de alunos surdos e investigar os impactos da disciplina de Libras na formação de discentes de pedagogia na perspectiva da Educação Inclusiva. Nesta perspectiva, indagamos qual seria a contribuição da disciplina de Libras para a formação inicial dos discentes de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba?

O interesse pelo tema proposto surgiu a partir dos estudos sobre a educação de surdos, que desde o início do curso, nos instigou a estudar os assuntos pertinentes. Outro fator é o convívio com a comunidade e a cultura surda, e ainda, a participação em congressos e seminários referentes. A curiosidade e o apreço pelos surdos, sua cultura, sua história e sua língua só aumentou. E também como estudante de pedagogia da instituição pesquisada, a minha própria experiência ao estudar a disciplina me estimulou a conhecer a visão de outros graduandos.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1. Língua Brasileira de Sinais e a surdez**

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi oficializada no Brasil, em 24 de abril de 2002, através da Lei 10.436, que afirma no Art. 1º “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela

associados” (BRASIL, 2002). Desta forma, a língua tem o seu reconhecimento Legal em todo território brasileiro, sendo possível assim, a comunicação e as discussões linguísticas e educacionais. A Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, foi uma das conquistas da comunidade surda no Brasil, pois, foram através das lutas e das mobilizações em várias cidades do país, que os surdos obtiveram seus direitos linguísticos conquistados.

Através da oficialização da Libras em 2002, outras conquistas foram geradas para comunidade surda, sendo possível assim oficializar uma estrutura linguística no Brasil; a profissionalização de tradutores/intérpretes para atuarem em diversos espaços sociais e nas escolas; e também em 22 de dezembro de 2005 o decreto 5.626 aceito, que regulamenta a Lei 10.436.

A Língua Brasileira de Sinais não é algo recente, foi oficializada em 2002 e regulamentada em 2005, porém, o uso desta língua já ocorria há anos. Apenas “[...] na década de 1960, foi conferido à língua de sinais o status linguísticos, e, ainda hoje, mais de quarenta anos passados, continuamos a afirmar esta legitimidade” (GESSER, 2009, p. 9). O pesquisador William C. Stokoe foi um dos primeiros linguistas a pesquisar sobre o “status” da Língua de sinais, ele investigou a estrutura dos sinais, observando três parâmetros, sendo eles a configuração das mãos, localização e movimento (PEREIRA, 2011). Outros parâmetros como o de orientação, foram observados por Battison, e a expressão facial, incluída por Baker e Padden (PEREIRA, 2011, p. 60).

A Libras se constituiu a língua de sinais utilizada no Brasil, o que não a torna universal, pois cada país tem uma língua de sinais própria. Ela, também é a língua natural da pessoa surda, que tem a sua identidade Bilíngue/Bicultural, ou seja, a Libras é sua primeira língua e como segunda língua assume a língua oficial do país, no caso, a língua portuguesa na modalidade escrita. As línguas “são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem [...] da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações”. (QUADROS, 1997, p. 47). A autora explica que a Libras tem em sua estrutura uma base linguística, não inferior às línguas orais, e que, através dela, é possível se comunicar, se expressar, receber conhecimentos e produzi-los.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), citado por Garcia (2015, p.23) “A língua de sinais brasileira, terá regras definidas e preestabelecidas em nível ‘fonético, fonológico, morfológico, sintáticos, semântico e pragmático’”. Assim, a língua de sinais atende aos requisitos para se tornar uma língua oficial. Conforme a Lei 10.436, que define, em seu art. 1º, parágrafo único:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

A Língua de sinais se diferencia da Língua portuguesa, pois a primeira é uma língua visomotora, e a segunda, é essencialmente oral-auditiva. Uma vez que, é através da percepção visual que se terá acesso às informações, e é utilizada a condição motora em um espaço neutro para sua produção. Ela, a Libras, tem em sua estrutura todas as regras linguísticas necessárias, entretanto é independente da língua oral.

Mas quem são as pessoas surdas? Antigamente, elas eram totalmente excluídas da sociedade, e várias nomenclaturas foram designadas a elas no decorrer da história. Muitas vezes como forma de evidenciar a “deficiência”. Foram estigmatizadas como portadoras de deficiência, deficientes auditivos, mudinho, surdo-mudo, coitadinho, incapaz. Essas terminologias apresentam uma carga de expressão, deveras preconceituosas, e a não aceitação da identidade e cultura surda. (GESSER, 2009). Tais termos não consideramos adequados, pois “a construção das identidades não depende da maior ou menor limitação biológica, e sim de complexas relações linguísticas, históricas, sociais e culturais” (GESSER, 2009, p.46 *Apud* SKILIAR 1997, p. 33).

Para entender essa realidade conceitual é preciso saber que existem duas perspectivas que definem a surdez. A concepção sobre a surdez, no caráter clínico considera que o surdo carrega em si uma deficiência que precisa de cirurgias para se tornar mais semelhante ao ouvinte, ao normal, é uma perspectiva médica em que a deficiência auditiva se sobrepõe ao ser humano, a percebendo como um problema. (GESSER, 2009 p. 63). Todavia, deficientes e pessoas com limitações de qualquer espécie são características de todos os seres humanos.

O outro enfoque é na visão antropológica sobre a surdez considera a pessoa do ser surdo, e não o problema da deficiência auditiva. Esta perspectiva enfatiza a surdez como uma diferença cultural e não patológica (ALPENDRE, 2008 p.8). O enfoque antropológico, reconhece o surdo como um indivíduo que aceita suas limitações, mas não as vê como empecilho para se desenvolver. A pessoa surda não estará presa pelo fator que lhe falta, a audição, mas ela reconhece sua identidade visual e seus outros sentidos são aguçados e se tornam canais de comunicações e percepção do mundo.

## 1.2. Formação inicial do pedagogo na perspectiva da educação inclusiva

A educação dos surdos passou por vários processos ao decorrer da sua história. A princípio os surdos eram desprezados socialmente e não tinham direito à educação. Percebem-se também os vários estágios de exclusão, integração e atualmente a conscientização da inclusão social e educacional das pessoas surdas. Aos poucos, foram sendo e estão sendo conquistados os direitos sociais e educacionais das pessoas surdas. Diversas leis foram essenciais para a inserção dos surdos nos espaços escolares, sejam essas escolas de caráter regular ou especial, que sejam estes espaços que atendam as necessidades linguísticas bilíngues dos surdos.

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, no artigo 5º, explicita sobre o direito dos cidadãos (BRASIL, 1988). “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]” Todas as pessoas são diferentes, porém, perante a legislação todos tem os direitos iguais. E todos sem exceção têm o direito à educação. Como afirma o art. 205; “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. É dever do Estado e da família garantir a educação o acesso e permanência da criança na escola, atendendo assim a todas as diversidades. Assim, como o art. 208, inciso III, que estabelece a necessidade de um atendimento educacional especializado às pessoas com deficiências preferencialmente nas escolas regulares. A constituição é uma base legal para que as escolas, através das políticas públicas, assegurem o acesso e permanência de todas as crianças para seu pleno desenvolvimento, independente de sua raça, cor e/ou deficiência.

A Conferência Mundial de Salamanca sobre Educação para Necessidades Especiais, realizada em 1994, discutiu os princípios e as políticas da educação inclusiva. Segundo a Declaração de Salamanca, a inclusão é “o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos” (UNESCO, 1994, p. 10).

Para que se tenha uma inclusão escolar dos alunos que possuem alguma deficiência, é necessário, primeiro, uma mudança da cultura de preconceitos e discriminações que foi construída ao longo dos séculos. Haja vista que a inclusão escolar não é apenas inserir o aluno deficiente no espaço escolar, com intuito de obedecer às exigências da lei, mas garantir a educação e a inclusão de fato, tornando-se um desafio, pois a escola ainda está se preparando

para este processo. Não é o aluno que vai se adaptar a escola, e sim, a escola ser responsável em sensibilizar-se às necessidades específicas e adaptar-se ao aluno.

A escola só será inclusiva quando atender as necessidades dos alunos excluídos. E o que se entende por exclusão e quem são as pessoas excluídas? Segundo Barroco (2007, p. 164), “Pelo que se pode constatar em discursos e publicações, excluídos são os sem-terra, os idosos, os sem moradia, os sem emprego, os indivíduos com AIDS, os com deficiências; os segregados por raça, cor, credo, opção sexual”. Os que precisam ser incluídos na sociedade e na escola são todos aqueles que estão à margem da sociedade. Ele afirma também que o termo exclusão está sendo cada vez mais disseminado e acaba por ter uma indefinição, pois “o termo é empregado por quase todo o mundo para designar quase todo o mundo” (BARROCO, 2007 p. 164). Só se fala em incluir o que já está ocultamente excluído, é a lógica do capital, porém, essa lógica também se faz pensar que todos estão incluídos e supostamente incluídos na sociedade.

Com os movimentos e lutas da comunidade surda e as conquistas políticas para uma educação de qualidade, foi necessário a capacitação dos professores para ensinarem às pessoas surdas na sala de aula. Pois os surdos foram sendo inseridos em sala regulares de ensino, porém as metodologias de ensino predominantemente oralista, não contribuíam para a aprendizagem, o que ocasionava a exclusão. Como fatores que proporcionam a inclusão dos surdos, o Decreto nº 5626/05 esclarece a necessidade do acesso e permanência dos alunos nas escolas regulares ou especiais.

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; (BRASIL, 2005)

Para assim ocorrer, são fundamentais algumas modificações no ambiente escolar para atender as singularidades desses estudantes, como a contratação de tradutores/intérpretes de Libras- Língua portuguesa não com intuito educacional, mas para a mediação linguística das aulas.

Outra modificação relatada no referido Decreto afirma no artigo 22 parágrafo 2º “Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de

equipamentos e tecnologias de informação”. As salas para Atendimento Educacional Especializado segundo o fascículo 4 do MEC (BRASIL, 2010 p. 9) tem como objetivo:

O AEE para alunos com surdez, na perspectiva inclusiva, estabelece como ponto de partida a compreensão e o reconhecimento do potencial e das capacidades dessas pessoas, vislumbrando o seu pleno desenvolvimento e aprendizagem. O atendimento as necessidades educacionais específicas desses alunos é reconhecido e assegurado por dispositivos legais, que determinam o direito a uma educação bilíngue, em todo o processo educativo.

A inclusão para ser efetivada no ambiente escolar, precisa atender, como já dito, as necessidades dos alunos para assim promover a equidade. E para este fim é essencial que o professor tenha uma formação na perspectiva inclusiva, que vise à diversidade. O pedagogo, responsável em ensinar a educação infantil e os anos iniciais da educação básica, em sua sala de aula, deve ter a consciência e propor práticas pedagógicas que alcancem as diversidades ali existentes. Bem como “[...] o futuro pedagogo deve adquirir, na sua formação, capacidade para lidar com as diversidades socioculturais na escola, visando à superação dos processos discriminatórios e de exclusão social e, conseqüentemente, a promoção de inclusão” (DIAS; PORTO, 2010 p. 50). A formação inicial e continuada é de plena importância para que os professores se vejam mais capacitados para atuarem com os alunos surdos incluídos. Com esta finalidade, o Decreto supracitado torna obrigatória a implantação do componente curricular de Libras em todas as licenciaturas e de Fonoaudiologia no Brasil no prazo de dez anos, a partir da data de publicação.

No decorrer do decreto referido, se evidencia a importância do ensino de Libras para a formação de professores, sendo uma disciplina optativa para os demais cursos de bacharelado. Não se define no documento as especificidades da disciplina, no que diz respeito a qual ementa, conteúdos e metodologias que deve seguir. Mas, tem como objetivo a capacitação básica dos futuros profissionais que provavelmente vão lidar com a pessoa surda, tanto em sala de aula quanto em outro ambiente social. Como descreve o art 3º do Decreto:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005)

A capacitação desses profissionais visa uma mudança nas concepções, na prática pedagógica, na importância do conhecimento sobre a linguística, história e culturas dos alunos surdos, assim como na postura do educador na sala de aula para uma educação bilíngue de qualidade. Como também no artigo 14 incentiva a “apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares,

inclusive por meio da oferta de cursos” (BRASIL 2005). Portanto, através dos conhecimentos adquiridos na disciplina de Libras, o professor regente poderá apoiar a difusão da Libras em toda a comunidade escolar. Mesmo que não haja crianças surdas incluídas, é essencial o ensino sobre o respeito a diversidade, sobre inclusão e até mesmo sobre Libras (REBOUÇAS, 2009). De acordo com Tavares e Carvalho (2010, p. 3-4),

Percebe-se que em nosso país, entre os documentos que compõem o conjunto de leis denominado Políticas Públicas e sua implementação, há um grande fosso. Com as políticas públicas educacionais na área de educação de surdos, não é diferente. Há lei para acessibilidade que garante intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa durante as aulas, flexibilidade na correção das provas escritas, materiais de informação aos professores sobre as especificidades do aluno surdo etc. Mas, na prática, o que se percebe, é o aluno surdo mais excluído do que incluído nas salas de aula regulares, enfrentando dificuldades, que, muitas vezes os seus familiares é que tentam minimizar, buscando soluções nem sempre eficientes para ajudá-los. Por outro lado, professores, em sua maioria, sem conhecimento mínimo da Libras e, algumas vezes, subsumido por uma carga horária de trabalho exaustiva, não têm tempo para buscar uma formação continuada na área. Carece-se também de cursos de Libras básico e, principalmente, avançado, pois o estudo da língua em seus aspectos gramaticais ainda é restrito em nosso país, justamente porque faltam professores formados nessa área.

Além da básica formação oferecida nas disciplinas de Libras, é importante o professor buscar novos conhecimentos na área, por mais que, muitas das vezes a carga de trabalho e o tempo não lhe permitam. Mas é essencial a busca da formação continuada para melhorar a qualidade do ensino, tendo por vista, que a própria prática docente é um campo de ação e reflexão e como afirma Paulo Freire (1991, p. 58). “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”. Desta forma, é importante para o futuro pedagogo ter consciência da formação continuada contribuindo assim para uma perspectiva inclusiva que visa a diversidade.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa consiste numa abordagem qualitativa, nos moldes do estudo de caso, tendo como recurso básico a análise exploratória. Desta forma será possível se familiarizar com o problema ainda pouco estudado, com o intuito de compreender a perspectiva dos discentes em pedagogia sobre a disciplina de Libras.

A pesquisa esta pautada sobre a abordagem qualitativa, pois, “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo

social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31). Com esta abordagem, não nos detemos a dados numéricos, mas com os aspectos da realidade. A pesquisa qualitativa se detém as características singulares de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (MINAYO, 2001).

Através do estudo de caso (GIL, 2010) é possível pesquisar o fenômeno dentro do seu contexto real, proporcionando uma visão global e averiguar quais fatores o influenciam e dele é influenciado.

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33)

Na tentativa de conhecer a atual situação da disciplina Libras nos cursos de pedagogia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, como instrumento para coleta de dados, com discentes que estão cursando a disciplina Libras no período 2017.1. As questões versaram sobre suas experiências na aprendizagem da Libras, pois desta forma, será possível identificar quais concepções apresentam em relação a Libras e a surdez como também a experiência em ter um professor surdo e sobre a disciplina.

Como critério de seleção do público alvo, foram escolhidos seis alunos da turma do 7º período do turno noite que estão estudando a disciplina no semestre vigente. A entrevista semiestruturada foi feita de forma individualizada como também gravada e transcrita livremente com consentimento do participante.

A pesquisa terá como cenário a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I) localizada no município de Campina Grande-PB. Esta instituição foi escolhida como Locus do presente estudo “A percepção do pedagogo sobre a disciplina obrigatória de libras para a sua formação na Universidade Estadual da Paraíba- Campus I”.

A disciplina de Libras no curso de Pedagogia é oferecida no sétimo período no turno da noite, com carga horária de 30 horas semanais, as aulas são ministradas por um professor surdo.

O município de Campina Grande está situado no Estado da Paraíba, se estende por 593 km<sup>2</sup> e conta com 405 072 habitantes, no último censo (2015).

As respostas da entrevista foram analisadas a partir da Análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2009), que tem como intuito uma averiguação mais profunda a comunicação, a partir das vivências e das suas percepções sobre um determinado objeto de estudo. A análise de conteúdo, segundo Bardin (2009, p. 38), são “conjunto de técnicas de análise de comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Sendo assim, a técnica é realizada através de procedimentos sistemáticos, levantamento de indicadores e análise sistêmica, e com isso, fazer uma análise reconhecendo os significados explícitos que há na comunicação, ou seja, captar os saberes que transpassam a superfície textual. Segundo Minayo, a análise abrange alguns procedimentos, sendo eles: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação (MINAYO, 2001).

A entrevista semiestruturada, utilizada como instrumento de coleta de informações, foi dividida em duas partes, sendo um referente aos dados pessoais e estudantis e outra, pertinente às perspectivas dos discentes com as seguintes perguntas: O que você entende por surdez? O que você entende por Libras? Em sua opinião a disciplina de Libras é importante ser ministrada no curso de Pedagogia? Justifique. Como está sendo a experiência de ter um professor surdo ensinando Libras? Você considera a carga horaria da disciplina suficiente para sua formação?

A entrevista foi realizada de forma individual e com o consentimento do participante foi gravada e transcrita. O nome das entrevistadas será ocultado e serão identificados como E1 (entrevistada 1) a E6 (entrevistada 6), com o intuito de facilitar a análise dos dados.

Na primeira parte sobre a identificação pessoal e estudantil, todas as participantes da pesquisa estão devidamente matriculadas no curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, na cidade de Campina Grande – PB. Todas do sexo feminino, a faixa etária variou entre 29 a 41 anos. Dentre elas 4 são casadas, uma solteira e uma divorciada, todas estão cursando o 7º período no turno noturno.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Os dados conseguidos com as respostas das entrevistas foram organizados em categorias conforme as etapas da análise de conteúdo de Bardin (2009), como identifica o quadro a seguir:

<b>Tópicos analisados</b>	<b>Categorias de análise</b>
As concepções dos discentes de pedagogia sobre o surdo	Concepções na visão clínica e antropológica. Terminologias
A compreensão sobre o que é Libras	Aspectos sobre língua e linguagem Aspectos linguísticos A utilização da Libras
A visão sobre a disciplina e Libras e a carga horária	A importância da disciplina Carga horária Formação continuada Curso de extensão Experiências Proposta curricular no ensino fundamental
A experiência em ter um professor surdo ministrando aula de Libras	Experiências Dificuldades Contato anterior com pessoas surdas

### **3.1. As concepções dos discentes de Pedagogia sobre o surdo**

Neste primeiro tópico buscamos analisar nas respostas das entrevistadas quais concepções sobre os surdos foram construídas através dos conhecimentos adquiridos durante a disciplina de Libras e experiências anteriores.

As concepções trazidas por algumas discentes entrevistadas se assemelham à visão sócio-antropológica e ao se referirem ao surdo. E em outros momentos da entrevista foi possível perceber o conhecimento sobre a história e a cultura surda mesmo que de forma sucinta. As entrevistadas definiram o surdo como “a pessoa que não ouve” “pessoas com deficiência” e “alguém que não escuta”

“É a incapacidade que a pessoa tem pra ouvir, o contrario de ouvinte, uma pessoa que tem as mesmas capacidades de aprender que a pessoa ouvinte, que se ele tiver uma dificuldade não é com ele, mas com a sociedade com ele, para que ele possa se desenvolver”. (ENTREVISTADA 3)

As respostas tiveram como ênfase a diferença sensorial entre surdos e ouvintes, ressaltando que a incapacidade que a pessoa surda tem para ouvir, e apenas algumas

ressaltaram como diferença linguística. Destacamos “A surdez não é concebida como uma deficiência que impõe inúmeras restrições ao aluno, mas como uma diferença na forma como o individuo ter acesso às informações do mundo” (PEREIRA, 2011, p. 21).

Na resposta da entrevistada 1, a surdez é definida como os “deficientes auditivos” e em três respostas diferentes (E1, E3 e E4) ressaltam a surdez como “a incapacidade de ouvir”. Essas terminologias acabam carregando uma expressão pejorativa e que ao utilizarem esses termos, foi observada a ênfase à concepção clínica sobre surdez, que sobrepõe a deficiência que o individuo têm. Na visão clínica “a surdez é vista como patologia, como deficiência, e o surdo, como deficiente” (PEREIRA, 2011, p. 20). Essa percepção ocasiona a sucessão dos paradigmas dos conceitos socialmente apresentados por pessoas leigas que utilizam termos muitas vezes pejorativos para as pessoas surdas como “mudinho, surdo-mudo, coitadinho, deficiente, incapaz”. Nessa perspectiva, as terminologias como deficiente auditivo e seus sinônimos são termos clínicos, que apresentam certo preconceito e a não aceitação da identidade e cultura surda (GESSER, 2009).

Entretanto a Entrevistada 1 ao justificar a pergunta três, notamos em sua fala, a percepção histórica das pessoas com deficiência, em seus aspectos de exclusão e inclusão. Como ela afirma: “As pessoas ..é.. deficientes ficavam em casa, não tinham vez nem voz, estavam lá esquecidos e nós estamos naquele período que.. as falas que antigamente eram faladas estão sendo ouvidas e essas pessoas estão chegando nas escolas e nas universidades” Ela reconhece que antes não havia a educação para as pessoas com deficiência o que ocasionavam a exclusão, sendo que essas pessoas ficavam em suas casas, e com as conquistas dos seus direitos, atualmente essas pessoas estão conquistando espaços nas escolas, bem como nas universidades.

Outro aspecto é a utilização de ideologias nas falas das entrevistadas:

“Universo de uma criança com essa deficiência se eu não entender o universo de uma criança com essa deficiência [...] [...]esse mundo dos surdos eu tava interessada [...] nas primeiras aulas eu fiquei em choque como ele vai se comunicar com a gente que não entende nada, a gente tava distante desse universo, mas assim depois com o decorrer do período, realmente eu só ia aprender se eu me esforçasse pra se comunicar com ele (ENTREVISTADA 2)

Termos como “distante desse universo”, “esse mundo dos surdos que eu estava interessada”, quando utiliza a palavra “universo” e “mundo” denota uma visão mais cultural da surdez. Segundo Pereira (2011 p. 34), “os surdos constituem uma comunidade linguística minoritária, cujos elementos identificatórios são a língua de sinais e uma cultura própria eminentemente visual”. Segundo o fascículo 4 do Ministério da Educação e Cultura.

As pessoas com surdez não podem ser reduzidas ao chamado mundo surdo, com uma identidade e uma cultura surda. É no descentramento identitário que podemos conceber cada pessoa com surdez como um ser biopsicosocial, cognitivo, cultural, não somente na constituição de sua subjetividade, mas também na forma de aquisição e produção de conhecimentos, capazes de adquirirem e desenvolverem não somente os processos visuais-gestuais, mas também de leitura e escrita, e de fala se desejarem. (BRASIL, 2010 p. 8)

A visão do MEC (BRASIL, 2010) sobre o mundo e a cultura surda é distinta da concepção de vários autores estudiosos na área, estes concordam mais com uma visão socioantropológica da surdez, que compreende que as pessoas surdas têm identidades e culturas próprias e estes formam grupos sejam culturais sejam linguísticos. (KARNOPP, 2006; STROBEL, 2008; SÁ, 2002; PERLIN, 2004) O artigo 2º do Decreto 5.626 também contém uma perspectiva sócio antropológica quando “[...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras” (BRASIL, 2005). Rebouças (2009, p. 70) explica que a definição trazida pelo documento,

Trata-se de uma definição muito importante por destacar três aspectos fundamentais sobre as pessoas surdas:

- a) a interação com o mundo mediada pela experiência visual
- b) a existência de uma cultura própria e
- c) o uso da LIBRAS como manifestação desta cultura

Percebemos que algumas entrevistadas tinham convicção das suas respostas ao falarem com rapidez e outras pararam para formular uma resposta, possivelmente com receio de como se referir à pessoa surda. As entrevistadas, por mais que utilizassem termos não tanto apropriados ao definirem os surdos reconheceram a cultura, a história e a língua dos surdos. É fundamental que o conceito sobre surdez e da pessoa surda sejam identificados e construídos pelos professores que irão atuar nessa área para que assim respalde em sua prática ao ensinar as pessoas surdas (SLOMSKI, 2000). É crucial que sejam esclarecidos estes aspectos para a formação de um professor, não só a aprendizagem da Libras e seus vocábulos, mas toda a questão social e cultural em que o surdo está envolvido. Pois em uma escola inclusiva as crianças surdas precisam ser ensinadas sobre a sua história, sua cultura, sua identidade e sobre as conquistas que a comunidade surda alcançou como também as crianças ouvintes podem ser cientes destes aspectos.

### 3.2 A compreensão sobre o que é Libras

A segunda pergunta teve como intuito averiguar como as discentes compreendem a Libras em seus aspectos linguísticos e sociais. Segundo as entrevistadas:

E1: Libras é a maneira da qual o surdo se comunica, a linguagem, o instrumento que ele tem para se comunicar.

E2: Língua de sinais é a língua que eu uso para me comunicar com a pessoa surda.

E3: O que eu entendo por libras é que é uma língua de sinais para o surdo é a primeira língua deles e o português é a segunda língua.

E4: Libras é a linguagem que o não ouvinte ele tem para se comunicar com a gente

E5: é a língua de sinais, né? brasileira para pessoa surda é a primeira língua, né? Para gente não é a segunda terceira última, né? que não tem Libras só tem a opção aqui e quando é licenciatura.

E6 a linguagem para os surdos... que ajuda na comunicação.

As entrevistadas identificaram a Libras como a “língua de sinais” que tem o intuito de favorecer a comunicação. Isso foi perceptível nas falas das entrevistadas 2, 3 e 5. Já as entrevistadas 1, 4 e 6 afirmaram ser uma “linguagem”. Os termos língua e linguagem existem dicotomias entre si:

O reconhecimento do estatuto de língua atribuído as línguas visório-espaciais, entre elas a LIBRAS, tem grande importância para o processo de educação dos seres humanos, cuja condição humana é a de ser surdo, pois, durante séculos, as línguas visório-espaciais foram concebidas apenas como linguagem, sendo vistas como um subproduto da razão humana, algo primitivo sem capacidade de expressar o pensamento como as línguas orais-auditivas[...] (GARCIA, 2015 p. 25)

Por séculos a língua de sinais foi vista como uma mímica ou gestos que os surdos utilizavam, sendo considerada uma linguagem que as crianças usavam para se comunicar, semelhante, por exemplo, ao choro de um bebê (GARCIA 2015) ao informar seus pais que está com fome, o choro é caracterizado como uma forma de linguagem, pois através dela houve uma comunicação. Segundo Garcia (2015, p. 27) “A linguagem é dotada de certo caráter universal e aponta que todo ser humano é um ser de linguagem desde que nasce”. A língua está contida na área da linguagem, porém, se diferencia, pois tem uma estrutura própria. A língua de sinais teve seu valor linguístico reconhecido apenas em 1960, por William C. Stokoe ao realizar estudos a respeito das características dos sinais. Como mencionamos “A língua de sinais brasileira, terá regras definidas e preestabelecidas em nível ‘fonético, fonológico, morfológico, sintáticos, semântico e pragmático’” (GARCIA, 2015, P.23 *Apud* QUADROS E KARNOPP, 2004). No Brasil, foi apenas legitimada como língua através da Lei 10.436, de 2002. Desta forma é um equívoco conceitual se referir como “linguagem” afirmada por algumas entrevistadas.

O que eu entendo por Libras é uma língua de sinais, para o surdo é a primeira língua dele e o português é a segunda língua (ENTREVISTADA 3)

É a língua de sinais, né? Brasileira... no caso dos surdos é a primeira língua, né? pra gente não, seria a segunda, terceira, última, né? (ENTREVISTADA 5)

Nos aspectos linguísticos, as entrevistadas E3 e E5 apresentam um conhecimento ao expor a Libras como a primeira língua do surdo. Dessa forma reconhecendo que este tem uma identidade bilíngue, pois sua primeira língua é a libras e a segunda língua é o português escrito.

A maioria das respostas ressaltaram apenas um dos aspectos da Libras.

E1: Libras é a maneira da qual o surdo se comunica, é a linguagem, o instrumento que ele tem pra se comunicar.

E2: Língua de sinais. É a língua que eu uso pra me comunicar com a pessoa surda.

E4: Libras é (repetição da letra “é” e pausa) a linguagem que o não ouvinte ele tem pra se comunicar com a gente

E6 a linguagem para os surdos.. que ajuda na comunicação

Em suas colocações as entrevistadas 1, 2, 4 e 6 afirmaram que a Libras serve para a favorecer a comunicação entre os surdos, entre os surdos e ouvintes, entre os ouvintes e os surdos. Segundo Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) citado por (Pereira, 2011) “a língua de sinais tem basicamente três papéis para os surdos: ela é símbolo da identidade social, é um meio de interação social e é um depositário de conhecimento cultural”.

As entrevistadas citaram que a Libras é um meio de interação social que possibilita a comunicação. Porém, além disso, a Língua de sinais também é reconhecida como produtora de conhecimentos e fortalece a identidade e cultura surda (PEREIRA, 2011 apud LANE, HOFFMEISSTER E BAHAN, 1996).

### 3.3. A visão sobre a disciplina de Libras e a carga horária

Esse tópico foi a junção das perguntas três e cinco devido a semelhança nas respostas. E visa a compreensão das entrevistadas acerca da importância da disciplina na formação do futuro pedagogo. Como também a receptividade da disciplina e as primeiras experiências.

Todas consideraram a disciplina como importante para a formação, acrescentando em suas respostas aspectos tais como:

E2: Como é que eu vou ser uma boa pedagoga se eu não entender o universo de uma criança com essa deficiência?

E4: a disciplina de Libras vai nos auxiliar a como entrar em contato com as pessoas surdas [...] e se não fosse agora o curso de Libras, se eu ficasse frente a frente com uma pessoa surda não saberia dialogar com essa pessoa?

E5: com certeza porque a gente ta...é .., nós somos os geradores dessas crianças vamos dizer assim, do pedagogo.

E6: porque vai ajudar o professor, por exemplo, na minha função eu posso ser cuidador de uma criança surda, ai também tendo a formação, sabendo ajuda, né? e

pra o professor da sala de aula melhor ainda, ele não vai esperar só pelo cuidador pra se comunicar com a criança e fazer a mediação ele mesmo pode fazer isso né?

Baseados no que elas disseram é necessário para o futuro professor de crianças surdas: entender o universo das crianças; para entrar em contato; dialogar; ser geradoras; se comunicar para fazer mediação. A disciplina no curso de formação não tem como objetivo que as pessoas saíam fluentes, devido a Libras ser um idioma, e para aprendizagem demanda tempo e prática. Também não é função do futuro professor regente que ele ministre suas aulas em Libras, devido a diversidade de seres dentro da sala. Mas, segundo o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005), é essencial que o professor regente tenha conhecimento sobre a Libras no que se refere, como explica o artigo 14: “professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos”.

Um dos fatores que apareceu ao responderem a terceira pergunta é que uma das dificuldades é a carga horária contida na grade curricular de Pedagogia, sendo apenas 30 horas, foi considerada insuficiente.

E1: importantíssimo, é tanto que eu achei a carga horaria pequena.

E2: Com certeza e ainda lhe digo é uma pena ser só 30 horas deveria ser mais.

E6: é na minha opinião não só pedagogia, mas em todos a carga horária deveria ser maior.

Ao responderem a pergunta específica sobre a carga horária da disciplina, foram unânimes ao dizer que era insuficiente, tendo por vista ser uma disciplina uma vez durante a semana. Na resposta da Entrevistada 3:

Não, não, acho muito pouco, se é uma língua e tudo que tem na língua no caso a nossa primeira que é a língua portuguesa, e trazer.. conseguir.. ter a língua Libras em seis meses, na verdade é quatro meses é muito pouco. Como é que você vai ver uma segunda língua, novo idioma em seis meses? é a mesma coisa que você não consegue aprender portu... inglês em seis meses, a quantidade de vocabulários.”

Nas respostas das entrevistadas 1, 2 e 4 opinam que a disciplina Libras poderia ser ofertada em vários períodos no decorrer do curso “nem que fossem todos os períodos, mas cinco períodos, a metade do curso ter uma disciplina de Libras”, “na minha opinião deveria ser a partir do sétimo período, todo período ter uma carga ou ter uma carga horária maior, por exemplo, no sétimo período mais ter uma carga de 90 horas”, “deveria ter todo período ter pelo menos 30 horas e no final do curso a gente esta bem mais habilitado pra conversar com o surdo”

Também nas falas durante a entrevista as participantes citaram que já fizeram o curso de extensão que é oferecido na instituição. Visto que a carga horária de 30 horas é insuficiente para aprendizagem de um novo idioma. A entrevistada 1 relata sobre uma formação continuada quando diz “caso o nosso são trinta horas [...] Então é pouquinho, então se a gente

quiser aperfeiçoar tem que entrar no curso de extensão”. As entrevistadas 1 e 5 afirmaram ter participado do curso de extensão, uma delas disse que participou até o nível 2, já as entrevistadas 2 e 4 não fizeram e uma justifica que não pode fazer devido o horário incompatível ao dela e a terceira entrevistada não mencionou se já tinha cursado. Foi observado o interesse na continuação dos estudos sobre Libras. A entrevistada 2 relata “eu não saio do curso preparada para lidar, se eu não buscar lá fora eu não estou preparada, eu não me sinto saindo do curso de pedagogia pra me comunicar com uma criança surda”. Em outro momento ela declara “e depois de pagar essa disciplina com o professor surdo eu acho que devo buscar mais ainda, é tanto que lá na minha cidade tem o curso de libras e eu vou me matricular, só começa para o ano”.

Em qualquer esfera a formação acadêmica é uma base e que precisa buscar novos conhecimentos e uma formação continuada. Como já defendia Paulo Freire (1991, p. 58): “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”. No momento da prática, da atuação, que precisamos refletir e assim avançarmos, é na formação e no pleno consentimento que permanentemente é necessária uma reflexão da ação, e desta forma contribui para um ensino de qualidade as crianças surdas.

Uma das propostas é que a Libras fosse ensinada desde o ensino fundamental como disciplina curricular, dessa forma a formação continuada começaria desde a primeira infância, possibilitando a aprendizagem e a socialização entre as crianças surdas e ouvintes.

E1: imagina se a gente pudesse sair daqui com uma formação realmente em libras pra quando a gente fosse pra sala de aula, mesmo se não tivesse aluno surdo, você levar pra sala de aula, olha gente vamos ver como é que faz bom dia, boa tarde, por favor, o que você quer, se encontrar algum surdo como você vai falar? Se já tivesse essa disciplina desde o fundamental.

Consideramos esta proposta como fundamental para que os futuros professores reflitam e que as escolas insiram disciplinas de Libras e contratem professores com formação em Libras, por mais que não tenha aluno surdo, mas desta forma como defende Rebouças (2009, p.36) “Aprendendo LIBRAS, as crianças se sentem mais preparadas para a convivência na diversidade, com o diferente e com o novo”. O preconceito e discriminação é algo disseminado culturalmente pela sociedade, por isso os professores tem o papel de ensinar sobre o respeito às diversidades. Como explica a autora,

Embora não tenhamos nenhuma criança surda até o momento, é importantíssimo que alunos ouvintes aprendam LIBRAS para que possam saber que a comunidade surda existe e que é possível se comunicar com os surdos. Iniciativas como esta, estimula uma aproximação natural entre ouvintes e surdos e ensina, na pratica, o que é conviver na diversidade. (REBOUÇAS, 2009 p. 36-37)

No artigo 14 do Decreto 5626 também incentiva a “apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, **alunos**, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos” (BRASIL, 2005, grifo nosso). Desta forma “as crianças ouvintes desenvolvem a percepção visual e aprendem a usar o vocabulário sinalizado. As aulas de LIBRAS estimulam a aprendizagem e a memória, baseados na modalidade sensorial da visão” (REBOUÇAS, 2009, p.36). A entrevistada 1 em sua fala também relatou que “[...] desde pequeninha como minhas irmãs tinha essa colega que era surda, então uma coisa que a gente aprendeu desde pequena foi o alfabeto, eu não esqueci nunca, a gente aprendeu pequeno [...]”. Por ser um ensino lúdico, as crianças apresentam maior facilidade para a aprendizagem da LIBRAS e dificilmente esquecem ao crescerem.

### 3.4. A experiência em ter um professor surdo ministrando a aula de Libras

Esta pergunta teve como objetivo relatar as experiências, receptividade, dificuldades encontradas, e detectar se as entrevistadas já tiveram contato anterior com a pessoa surda.

Ao descreverem as experiências em ter um professor surdo ministrando a disciplina, afirmaram:

E1: Assim foi... no começo foi temeroso, porque eu fiquei imaginando “a meu Deus do céu” eu vou entender né eu vou me fazer entender, então eu fiquei naquela preocupação [...]

E2: Nas primeiras aulas eu fiquei em choque como ele vai se comunicar com a gente que não entende nada [...].

E3: Eu to gostando assim quando as meninas falaram que o professor era surdo, o professor de libras era surdo, eu ficava imaginando como que seria um professor surdo dando aula pra ouvintes e ouvintes que não sabe nada de Libras.

E4: Eu fiquei muito nervosa porque não tem interprete e só ele,

E6: No meu caso um pouco difícil foi meu primeiro contato, único contato na verdade com libras né.

Elas ressaltaram alguns sentimentos de “medo”, “choque”, “nervosismo”, “preocupação”, “dúvidas” em como iriam compreendê-lo. Estes sentimentos são comuns ao desconhecido e com o decorrer das aulas, opinaram ter sido uma ótima experiência.

Reconheceram também, a importância de ser um professor surdo ensinando, pois desta forma como na resposta da E4: “muito importante porque assim na medida em que ele é surdo e a gente vai se dedicar mais a disciplina e a buscar a entender a linguagem dele” e na resposta da entrevistada 2 “realmente eu só ia aprender se eu me esforçasse para se comunicar com ele”. A entrevistada 5 disse que a experiência com o professor surdo foi “ótimo, porque eu não tenho contato com pessoas surdas então para mim é uma oportunidade”.

Em observação às falas das participantes elas expressaram que não tinham muito contato com pessoas surdas, porém já vivenciaram ou conheceram alguém que mora perto que é surdo. Apenas a entrevistada três não expõe se teve algum contato. Desta forma, como ressaltado, é uma oportunidade para que os estudantes futuros pedagogos tenham a experiência de um professor surdo, sabendo que alguns nunca tiveram um contato mais próximo, o que será de apoio para quando inverterm a situação, de ser um professor de surdo. A entrevistada 1 relatou que quando era pequena suas irmãs estudavam com uma colega surda, em sua fala “e desde pequenininha como minhas irmãs tinha essa colega que era surda então uma coisa que a gente aprendeu desde pequena foi o alfabeto eu não esqueci nunca; a gente aprendeu pequeno” e também relatou uma experiência mais recente ao encontrar um surdo trabalhando em um supermercado na região, e ela tentou se informar através da Libras.

Já a entrevistada 2 disse que “onde eu moro têm, tem dois e no sitio vizinho também tem, e quando eu trabalhava na área eu sempre passava pela casa dela e ela tentava se comunicar comigo, eu não entendia o que ela me perguntava”. A participante 4 também teve contato com um vizinho: “eu tive um contato de um vizinho muitos anos ele é surdo e eu nunca soube me comunicar com ele”.

E a participante 6, ao ser indagada, se já teve contato com algum surdo, disse que “mínimo, mas já era quase adolescente, mas foi mínimo o contato”. Concordamos com a entrevistada 1 que afirmou “você se deparar na sala de aula, não só na sala de aula, mas se encontra um surdo num banco, num ponto de ônibus, no supermercado”.

Com estas experiências podemos perceber que a inclusão é tanto educacional como social, o futuro pedagogo pode se deparar com pessoas surdas em vários espaços sociais além da escola e em diversas situações.

O Decreto 5.626 prioriza no artigo 7 “as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras” (BRASIL, 2005). E segundo Rebouças (2009, p. 74) “Somente o usuário nativo de uma língua pode ser um modelo linguístico natural para alunos surdo ou ouvintes”. Desta forma, com o professor surdo os discentes terão uma oportunidade para ter contato com uma pessoa surda e assim desenvolver a língua, entender o mundo visual em que o surdo está inserido e se dedicar mais à aprendizagem. O contato e as experiências com o professor surdo é essencial para que haja uma mudança na perspectiva sobre as pessoas surdas, sobre a Libras e as estratégias usadas para o ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como a disciplina Libras vem contribuindo para a formação dos futuros pedagogos. Uma reflexão de quais conceitos sobre surdez estão sendo construídos no curso de Pedagogia, sobre os aspectos relacionados à Libras, as perspectivas sobre a disciplina obrigatória de Libras, quais dificuldades encontradas e sobre a receptividade e experiências com o professor surdo ministrando as aulas.

De um modo geral, os conceitos apresentados pelas discentes de pedagogia, foram observados que em suas falas, apresentavam termos que caracterizam o surdo numa visão sócio antropológica e alguns outros termos não tanto apropriados, pois contêm um sentido pejorativo e carrega uma expressão negativa, assemelhando-se mais a uma visão clínica. Contudo, ainda assim foi perceptível durante a entrevista conhecimentos a cerca da cultura, da história e da língua dos surdos. É fundamental que o conceito sobre surdez e da pessoa surda sejam identificados e construídos pelos professores que irão atuar nessa área para que assim respaldem em sua prática ao ensinar às pessoas surdas.

Sobre os aspectos relacionados a Libras. As entrevistadas citaram que a Libras é um meio de interação social que possibilita a comunicação. Porém sabemos que a Língua de sinais também é reconhecida como produtora de conhecimentos e como fortalecedora da identidade e da cultura surda. As entrevistadas, em partes, definiram a Libras como uma língua. Dessa forma se reconhece o status linguístico existente na sua estrutura, e quanto a outra parte das entrevistadas falaram ser uma linguagem. Contudo o termo linguagem, dado por vista a não compreensão da diferença da língua e linguagem. Também algumas entrevistadas reconheceram a identidade bilíngue produzida pela Libras, em que a primeira língua do surdo é a Libras e a segunda Língua é o português escrito.

Sobre a perspectiva em relação a disciplina de Libras, podemos perceber que todas consideram importantes para a formação, devido a inclusão dos alunos surdos nas escolas e o saber sobre libras adquirido na disciplina é importantes para se comunicar, dialogar e entender a criança surda. Entre a principal dificuldade encontrada sobre a disciplina de Libras, todas concordaram, e relataram que a carga horaria é insuficiente. Porém, foi notável que elas demonstraram interesse em aprender sobre Libras e entender o universo da pessoa surda, como também pensam em uma formação continuada, procurando outros cursos de Libras.

Sobre a experiência com o professor surdo ensinando a disciplina, reconheceram que é importante ser um professor surdo, pois desta forma iriam se dedicar mais ao estudo para

saber se comunicar com o professor, como também, algumas nunca tiveram contato com pessoa surda e dessa forma seria uma oportunidade. No começo do período, elas expressaram alguns sentimentos ao se deparar com o professor surdo, algumas sentiram “medo”, “choque”, “dúvida” e outros, porém, com o desenvolver da disciplina consideram uma ótima experiência.

Desta forma, diante das falas consideramos que os objetivos foram alcançados, pois assim, percebemos a perspectiva dos discentes do curso de Pedagogia e algumas contribuições da disciplina obrigatória de Libras na formação desses profissionais que futuramente podem ensinar a alunos surdos incluídos nas escolas regulares ou em escolas especiais. Sendo assim, sobre os objetivos específicos foi possível descrever os conceitos dos discentes sobre Libras e a surdez numa visão antropológica; refletir sobre a formação do pedagogo para a inclusão de alunos surdos e investigar os impactos da disciplina de Libras na formação de pedagogos na perspectiva da educação inclusiva. Pois, debruçamo-nos sobre as obras da área da surdez e Libras como também da inclusão educacional e formação de professores. Também foi importante o estudo de caso e o instrumento de coleta de informações, a entrevista semiestruturada, para chegarmos aos resultados apresentados, pois a entrevista com os próprios discentes que estão cursando a disciplina Libras no período vigente, nos foi permitido identificar suas concepções e suas experiências e, assim, conhecer a atual situação da disciplina Libras nos cursos de pedagogia.

As contribuições da disciplina de Libras sobre os futuros pedagogos poderão ser bem mais averiguadas, quando estes vivenciarem situações reais, em sala de aula com um aluno surdo. Dada a importância do tema, é necessário o desenvolvimento de novas pesquisas que tenham por objetivo a formação continuada dos professores tanto em outros cursos oferecidos como também pesquisas com os próprios pedagogos que estão em sala de aula regulares com alunos surdos.

Ao fim desta pesquisa, buscamos proporcionar um olhar sobre como foi o desenvolvimento da disciplina da Libras e o impacto na formação dos pedagogos, e desta forma contribuir para novas pesquisas sobre a área.

## THE PERCEPTION OF DISCIPLINES FROM THE UEPB PEDAGOGY COURSE ON DISCIPLINE LIBRAS: INITIAL FOCUS FORMATION

### **Abstract:**

This article discusses the need for training of teachers in the perspective of school inclusion to work with deaf students. For this purpose, was sanctioned in 2005 the decree 5,626 which makes compulsory the discipline of Libras in the curriculum of degree courses and Speech Therapy in Brazilian universities. It is essential that teachers of early years understand who's deaf person, know how to communicate and teach the full development and thus contribute to inclusion. With these concerns, we aim to analyze, from the perspective of the students of Pedagogy, the contribution of the compulsory subject for your training at the Universidade Estadual da Paraíba in Campina Grande-PB. The theoretical bases were on the characteristics of deafness, Libras and the pedagogues training in a inclusive vision. We studied authors such as Raheem (2009), Garcia (2015), Freire (1991), Quadros (1997) Gesser (2009), among others, as well as the study of the Law 10,436 and Decree 5.626. The research is qualitative in nature, along the lines of the case study, as a tool for data collection was through semi-structured interview of six graduating students of Pedagogy and enrolled in the discipline of Libras at the institution search scenario. The results obtained through the analysis of the interviews indicated the perception that they have acquired during the course.

**Key words:** Libras. Inclusive Education. Pedagogues Training.

## REFERÊNCIAS

ALPENDRE, E. V. **Concepções sobre surdez e linguagem e a aprendizagem de leitura.** Curitiba, 2008 Disponível em; <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/417-2.pdf>> Acesso em: 07/11/2017

ALVEZ, C. B. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez /** Carla Barbosa Alvez, Josimário de Paula Ferreira, Mirlene Macedo Damázio. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010 Disponível em: <<https://central3.to.gov.br/arquivo/292567/>> Acesso em: 07/11/2017

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARROCO, S. M. S. **Psicologia e educação: da inclusão e da exclusão ou da exceção e da regra.** In: Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. MEIRA, Marisa Eugenia Melillo & FACCI, Marilda Gonçalves Dias. (orgs.). São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. Pags.155-183.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.** Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>> Acesso em: 08 nov. 2017

\_\_\_\_\_, **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005.** Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/ccivil/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 08 nov. 2017

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.** Disponível em: <[https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/art\\_205\\_.asp](https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp)> Acesso em: 07 nov 2017.

DIAS, A. A.; PORTO, R.C.C.. **A pedagogia e a educação em direitos humanos: subsídios para a inserção da temática da Educação em Direitos Humanos nos cursos de pedagogia.** In: Direitos Humanos na Educação Superior: Subsídios para a Educação em Direitos Humanos na Pedagogia / Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, Maria de Nazaré Tavares Zenaide, Adelaide Alves Dias (Organizadoras)- João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. Disponível em; <<http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2015/11/2010.D.H-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-SUPERIOR.-PEDAGOGIA.pdf>> Acesso em: 08 nov 2017

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, E. C. **O que todo pedagogo precisa saber sobre libras**: os principais aspectos e a importância da língua brasileira de sinais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015

GERHARDT T. E.; SILVEIRA D. T. (org.) **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, A. **LIBRAS?: Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda – São Paulo:Parábola Editorial, 2009a

\_\_\_\_\_, A. **Do patológico ao cultural na surdez**: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. In: QUADROS, R.M de; STUMPF, Marianne R. Estudos Surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009B. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudo-Surdos-IV-SITE.pdf>> Acesso em: 17 nov 2017

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KARNOPP, L. Literatura surda. In: Literatura, Letramento e Práticas Educacionais- Grupo de Estudos Surdos e Educação. Campinas: ETD Educação Temática Digital, jun 2006. v.7, n. 2, p. 98-109.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, M. C. C. (org.). **LIBRAS**: conhecimento além dos sinais. Organizadora Maria Cristina da Cunha Pereira [et al.]- 1. ed. - São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERLIN, G. T. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura C. **A invenção da surdez**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos. A aquisição da linguagem**, Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REBOUÇAS, L. S. **A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina língua brasileira de sinais (LIBRAS) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005/** Larissa Silva Rebouças. – 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11121>> Acesso em: 17 nov 2017

SÁ, N. R. L. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SLOMSKI, V. G. **Educação de surdos**: fundamentos para uma proposta com bilingüismo. Dissertação de Mestrado. FE-USP. São Paulo, 2000.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 1 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. v. 1, p 118.

TAVARES, I. M. S; CARVALHO, T. S. S. de. **Inclusão escolar e a formação de professores para o ensino de Libras (língua brasileira de sinais)**: do texto oficial ao contexto. 2010 Disponível em: <[http://dmd2.webfactional.com/media/anais/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-OENSINO-DE-Libras\(LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS.pdf](http://dmd2.webfactional.com/media/anais/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-OENSINO-DE-Libras(LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS.pdf)>. Acesso em: nov de 2017.

UNESCO/Ministry of Education and Science (1994) *Final Report on the World Conference on Special Needs Education: Acess and Quality*. Salamanca: UNESCO, 1994. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001107/110753eo.pdf>> Acesso em: 17 nov2017

## APÊNDICE

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**Alunos de pedagogia cursando a disciplina de Libras**

**1- IDENTIFICAÇÃO (DADOS PESSOAIS E ESTUDANTIS)**

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_

Instituição formadora: \_\_\_\_\_

Função: \_\_\_\_\_ Tempo na função: \_\_\_\_\_

**2- DADOS PERTINENTES A LIBRAS**

2.1. O que você entende por surdez?

2.2. O que você entende por Libras?

2.3. Em sua opinião a disciplina de Libras é importante ser ministrada no curso de pedagogia?

Justifique.

2.4. Como está sendo a experiência de ter um professor surdo ensinando Libras?

2.5. Você considera a carga horaria da disciplina suficiente para sua formação?

*Obrigada pela sua contribuição*

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **“A percepção do pedagogo sobre a disciplina obrigatória de libras para a sua formação na Universidade Estadual da Paraíba- campus I”**.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **“A percepção do pedagogo sobre a disciplina obrigatória de libras para a sua formação na Universidade Estadual da Paraíba- campus I”** terá como objetivo geral **“Analisar, a partir da perspectiva do pedagogo, como está o desenvolvimento da disciplina obrigatória de Libras para a sua formação na Universidade Estadual da Paraíba em Campina Grande-PB”** Ao voluntário só caberá a autorização para **responder as entrevistas semiestruturadas sobre os conhecimentos prévios acerca do assunto e construídos no decorrer da pesquisa** e primará por não proporcionar nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica através do número (083) **999961371** com **Júlia Leyne Andrade de Sousa**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo

discutir os dados, como pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

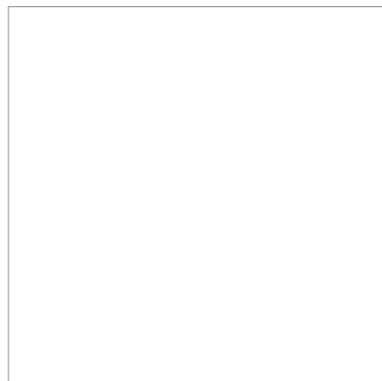
---

Assinatura do pesquisador responsável

---

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa  
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja  
possível a coleta da assinatura do participante da  
pesquisa).



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, \_\_\_\_\_ depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “**A percepção do pedagogo sobre a disciplina obrigatória de libras para a sua formação na Universidade Estadual da Paraíba- campus I**” poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores \_\_\_\_\_ a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citado sem garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art.5º,XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5anos, sob a responsabilidade do pesquisador coordenador da pesquisa Christiano Cordeiro Soares, e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande - PB. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

**Assinatura do participante da pesquisa**

---

**Assinatura e carimbo do pesquisador responsável**